



Arte Mura como estratégia de recuperação de memória

Márcia Mura¹

1. Márcia Mura Porto Velho RO Rio Madeira Indígena: Márcia Mura nasceu em Porto Velho. Seu nome cultural é Tanâmak, recebido no território Mura do Itaparanã. É educadora, contadora de histórias e escritora. Graduada em história pela Universidade Federal de Rondônia (Unir), mestre em sociedade e cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e doutora em história social pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professora da rede estadual de educação de Rondônia. Aprendiz dos conhecimentos repassados pelas mais velhas e pelos mais velhos, é autora de livros e textos literários que apresentam histórias vivenciadas em meio ao seu povo, nos diferentes contextos de território Mura no Rio Madeira independente da fronteira entre Rondônia e Amazonas. Faz parte do movimento Wayrakuna e do Mulherio das Letras Indígenas. É coordenadora do Coletivo Mura de Porto Velho e da Articulação de indígenas mulheres Mura de diferentes contextos do Amazonas e Rondônia.

Resumo |

Este artigo apresenta a arte do povo Mura como estratégia de recuperação da memória ancestral e resistência cultural, destacando sua presença histórica nos estados do Amazonas e Rondônia. A partir de fontes documentais, como o mapa etnográfico de Curt Nimuendajú (1944), e registros orais de anciãos, confronta-se a invisibilização da territorialidade Mura em Rondônia, frequentemente negligenciada por narrativas oficiais que reduzem sua presença ao Amazonas. A pesquisa evidencia como a produção artística contemporânea – grafismos, moda, literatura e dança – articula-se à memória coletiva, reafirmando identidades em contextos urbanos e rurais marcados por processos coloniais. No Amazonas, territórios demarcados como Autazes e Careiro da Castanho contrastam com a realidade de Rondônia, onde a ausência de reconhecimento oficial reflete sobreposições históricas do ciclo da borracha, transformando terras tradicionais em comunidades ribeirinhas e espaços urbanos. Destacam-se iniciativas como o Coletivo Mura de Porto Velho, que promove intervenções culturais – como a dança e o canto Mura na Praça da Ferrovia Madeira-Mamoré (2017) – e lutas transfronteiriças, desafiando divisões estatais impostas. Artistas como Tuniel Mura, que aparece na fotografia no corpo do artigo usando o cocar dos antigos recuperado a partir da iconografia do século XVIII documentada por Alexandre Rodrigues Ferreira. A arte de grafismo feita por Tuniel Mura atualiza a memória das e dos antepassados, assim também, Maira Belo Mura, reinventa a moda indígena no *Parque das Tribos*, esses dois artistas, juntamente com os demais que serão apresentados, exemplificam a fusão entre tradição e contemporaneidade indígena, demarcando espaços construídos somente para “brancos”. Antorokay Mura, por sua vez, integra pinturas em madeira, em tela e no corpo, também traz a dança cultural e os sons da floresta. Tanamak com a literatura indígena, Tapuya com vestimentas e artefatos culturais tecendo fios e coletando sementes e cipós para criar suas artes e Kaynamapura, na

relação com a avó traz os aprendizados da floresta e das águas no fazer dos adereços indígenas e levando para a escrita as suas memórias relacionada ao seu território, recuperando, assim, narrativas orais. A literatura de Márcia Mura /Tanãmak e Agabawé, Kayha Namãpura e outros escritores indígenas, assim como o espetáculo *Pindorama* (2020), que mescla balé clássico com danças tradicionais, revelam a arte como prática holística, intrínseca à cosmovisão Mura. Conclui-se que a arte Mura opera como dispositivo político, desafiando apagamentos históricos ao vincular passado e presente, dialogando com a cultura tradicional e a moderna. Fazendo uso da arte como instrumento de luta.

Palavras-Chave: Arte indígena; Memória coletiva; Territorialidade Mura; Afirmação Indígena.

Abstract |

This article analyzes the art of the Mura people as a strategy for recovering ancestral memory and cultural resistance, emphasizing their historical presence in the states of Amazonas and Rondônia. Drawing on documentary sources, such as Curt Nimuendajú's ethnographic map (IN IBGE, 202), and oral accounts from elders, it challenges the erasure of Mura territoriality in Rondônia, often overlooked by official narratives that restrict their presence to Amazonas. The research demonstrates how contemporary artistic production—graphic art, fashion, literature, and performances—intertwines with collective memory, reaffirming identities in urban and rural contexts shaped by colonial processes. In Amazonas, demarcated territories like Autazes and Careiro da Várzea contrast with the reality of Rondônia, where the absence of official recognition reflects historical overlaps from the rubber boom period, transforming ancestral lands into riverside communities and urban spaces. Notable initiatives include the Mura Collective of Porto Velho,

which promotes cultural interventions—such as the 2017 performance at the Madeira-Mamoré Railway Square—and cross-border struggles, challenging imposed state divisions. Artists like Tuniel Mura, whose graphic art engages with 18th-century iconographies documented by Alexandre Rodrigues Ferreira, and Maira Belo Mura, who reimagines Indigenous fashion in the *Parque das Tribos*, exemplify the fusion of tradition and decolonial innovation. Antorokay Mura, in turn, integrates wood paintings and sonic performances, reviving oral narratives. The literature of Márcia Mura and Agabawé, alongside the 2020 performance *Pindorama*, which blends classical ballet with traditional dances, reveals art as a holistic practice intrinsic to the Mura worldview. It is concluded that Mura art operates as a political device, challenging historical erasures by linking past and present. This demands interdisciplinary approaches that integrate critical cartography, anthropology, and social memory to advance territorial and cultural recognition, particularly in Rondônia, where resistance persists through familial networks and urban spaces. Art thus transcends aesthetics: it is a tool of re-existence and the assertion of an ancestral future.

Keywords: Indigenous art; Collective memory; Mura territoriality; Indigenous affirmation.

A Presença Histórica e Contemporânea do Povo Mura nos Estados de Rondônia e Amazonas: Reconstrução a partir de Fontes Documentais e Memória Coletiva

O povo Mura, grupo étnico ao qual pertenço, possui uma trajetória histórica que abrange os atuais estados de Rondônia e Amazonas. Contudo, registros institucionais recentes, tanto governamentais quanto não governamentais, tendem a restringir a territorialidade Mura ao estado do Amazonas. Essa lacuna historiográfica pode ser confrontada mediante a análise crítica de fontes primárias, como o mapa etnográfico elaborado por Curt Nimuendajú, e documentos oficiais do século XVII, os quais atestam a atuação dos Mura em resistência à colonização, inclusive com registros da defesa do território colocado nos documentos oficiais como ataques a vilas coloniais e estratégias de bloqueio no Rio Madeira. O registro da presença Mura no Rio Madeira, desde a atual cidade de Porto Velho (RO_) até as proximidades do Rio Negro (AM) pode ser verificado no mapa etnohistórico de Curt Nimuendajú que foi publicado pelo IBGE (2002) e a atuação dos Mura está bem registrada na historiografia, embora com o olhar colonizador, onde os Mura são colocados como destruidores, mas a antropóloga Marta Amoroso, faz uma importante pesquisa que contribui com a resistência Mura contemporânea. Em sua dissertação **"Guerra Mura no século XVIII: versos e versões - representações dos Mura no imaginário Colonial"**, (1991) analisa fontes documentais a partir do século XVII sobre o enfrentamento dos Mura ao projeto colonial que passou e passa por cima do seu território, trazendo o olhar sob Mura como defensores do território, contrapondo-se a imagem construída pelos colonizadores.

Ademais, o trabalho com a história oral indígena, tem contribuído com a recuperação da memória Mura em contextos em que não é mais considerada a existência Mura, como no caso das comunidades às margens do Rio Madeira, para o lado de Rondônia. No livro " Tecendo Memórias Mura e de Outros

Parentes" (2022), foi possível puxar os fios de memória indígena e recuperar corpos, territórios Mura e de outros parentes em contexto de seringais, ribeirinhos, extrativistas e urbanos.

A atuação política do Coletivo Mura também tem sido uma importante estratégia de demarcação da presença Mura em Porto Velho e no Rio Madeira, para o lado de Rondônia. Em 2017, o Coletivo Mura de Porto Velho promoveu uma intervenção artística na Praça da Ferrovia Madeira-Mamoré, objetivando recuperar a visibilidade histórica do povo Mura na região. Durante a apresentação cultural, um espectador idoso mencionou, em tom reflexivo: "É, havia muitos Mura por aqui". Essa afirmação sintetiza a dissonância entre a historiografia oficial e as memórias locais. A ferrovia em questão, construída no século XIX para ligar Porto Velho a Guajará Mirim (fronteira com a Bolívia), integrava o acordo bilateral estabelecido pelo Tratado de Petrópolis (1903), que regulamentou a anexação do Acre ao Brasil. Idealizada como símbolo do progresso e integração nacional, a ferrovia representou, paradoxalmente, um instrumento de violência colonial, atravessando territórios indígenas até então considerados "vazios" pelo Estado, mas habitados historicamente por povos como os Mura, Karitiana e Karipuna (SANTOS, 2010).

Essa narrativa evidencia a necessidade de recuperar fontes cartográficas, documentais e orais para desconstruir visões hegemônicas que invisibilizam a presença indígena, destacando a importância de abordagens interdisciplinares que articulem história, antropologia e memória social.

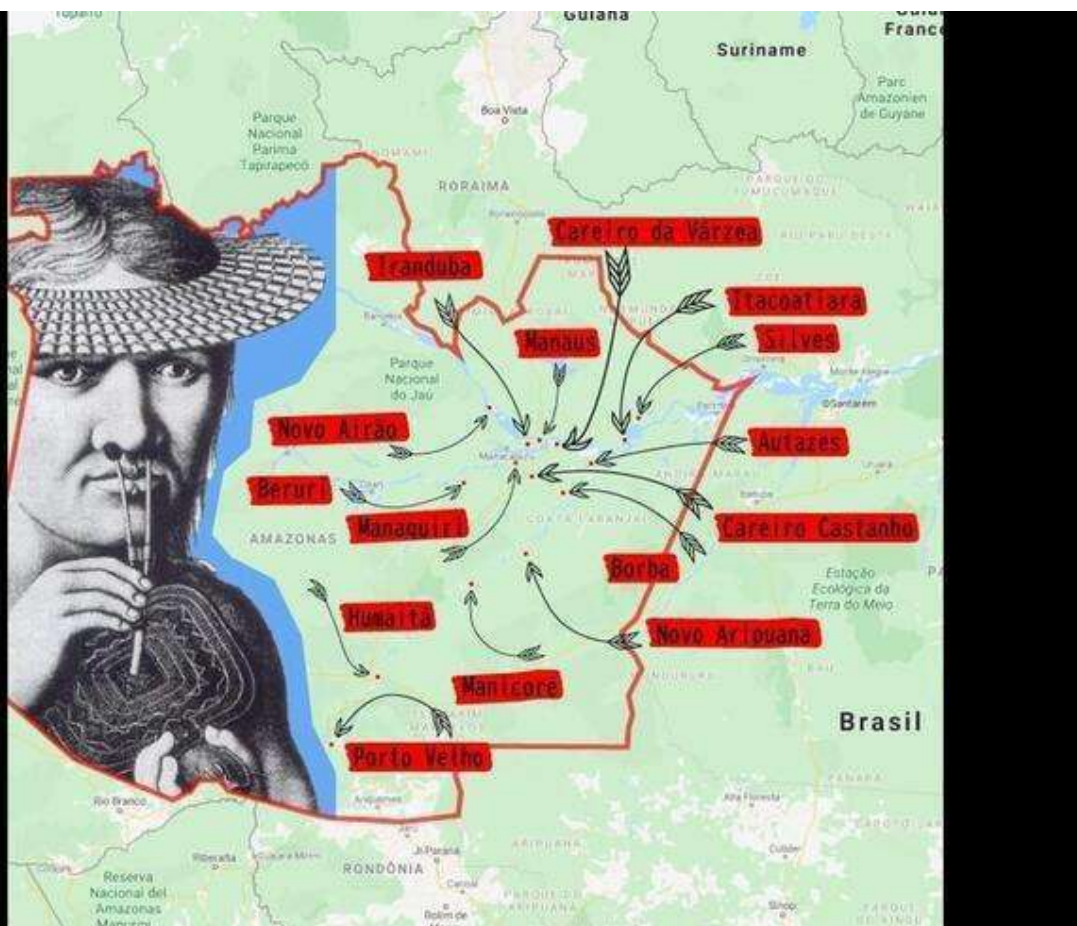


Figura 1 – Marcação da presença indígena no Figura Amazonas e Rondônia. Fonte: Arquivos do coletivo Mura

A Territorialidade e Produção Artística do Povo Mura: Entre Demarcações, Resistência e Expressões Culturais

A análise cartográfica da região amazônica, com ênfase nos estados do Amazonas e Rondônia, evidencia a presença histórica e contemporânea do povo Mura em múltiplas escalas territoriais. No estado do Amazonas, territórios demarcados ou em reivindicações, como Autazes, Careiro Castanho, Careiro da Várzea, Itacoatiara, Manicoré, Borba e Beruri, consolidam-se como espaços de reconhecimento da existência Mura, embora, a luta pela demarcação, das áreas não demarcadas e a defesa contra a imposição de projetos desenvolvimentistas e diversas formas de invasões sejam constantes, ainda há um reconhecimento por parte da FUNAI. Organizações não governamentais, enquanto que em Rondônia, não há o reconhecimento da FUNAI e por parte de algumas organizações não governamentais e não governamentais, mas

diante da atuação política e envolvimento com o movimento indígena, há o reconhecimento de frentes de resistência Mura do Amazonas ao coletivo Mura que atua junto na defesa dos territórios.

Em Rondônia, contudo, a ausência de demarcações oficiais reflete sobreposições históricas decorrentes do ciclo da borracha, que transformaram territórios tradicionais em comunidades ribeirinhas e espaços urbanos, como Porto Velho. A presença Mura manifesta-se em núcleos familiares, espaços culturais e localidades como Candeias do Jamari, Porto Velho, Comunidade Maravilha, Cavalcante, Distrito de Nazaré, Guajará Mirim (Resex Rio Ouro Preto) onde vem se dando a recuperação da memória Mura. Há notícias de que em Surpresa, uma vila/ Distrito, ligada a Guajará Mirim, existem famílias Mura, mas ainda não houve possibilidade do coletivo chegar até lá.

Nesse processo de recuperação da memória Mura, a produção artística Mura configura-se como um eixo central de reafirmação identitária, integrando técnicas tradicionais e diálogos com tecnologias contemporâneas. Artistas como Tuniel Mura (Autazes) recuperam grafismos ancestrais, enquanto Maira Belo Mura (*Parque das Tribos*) reinventa a moda indígena, demarcando com estéticas indígenas no lugar das eurocêntricas. Nessa mesma perspectiva a artista e artesã Tapuya Mura puxa os fios de memória e os costura em suas peças de tecidos e nos artefatos culturais. Auá Mendes (Manaus/São Paulo) e Kayha Namãpura (Itaparanã) constituem o fortalecimento da afirmação indígena Mura. Kayha Namãura, coleta penas e sementes e cria adereços recuperando a memória das sementes e nomes indígenas, trazendo presente também na escrita a sua memória ligada à vivência no território e na relação com sua avó materna. Auá transporta seus sonhos para suas pinturas.

Em Rondônia, o Coletivo Mura de Porto Velho destaca-se com artistas emergentes como Tanã Mura (grafismos e registros audiovisuais, pinturas de murais, ilustrações de livro com motivos de grafismos), Jovana Mura (dança e adereços) e Antorokay Mura (pinturas em madeira, telas, dança cultural trazendo junto

os sons da floresta e escritas), cujas obras dialogam com a memória das e dos antepassados e a concepção de futuro ancestral apresentada por pensadores, artistas, sabedores e escritores indígenas. A literatura indígena, representada por Márcia Mura, Delmara Mura, Agabawé, dentre outros, escritores indígenas. A concepção da dança como pertencimento étnico e cultural e ato político do corpo território em colocando em diálogo a cultura indígena e afro, feito pelo Instituto Noa, composto por Maira Mura (que ancestralizou em Junho de 2025) e suas filhas Letícia e Ludmila, assim como as intervenções teatrais do saudoso Sérgio Mura (+2025), reforçam a arte como prática política, cultural e espiritual, intrínseca à cosmovisão Mura.

Este recorte não esgota a totalidade da produção artística Mura, limitando-se a exemplos acessíveis ao autor, conforme a ética da pesquisa qualitativa em contextos indígenas (GARNELO, 2014). A imagem analisada – que contrasta o cocar de talinha de buriti de Tuniel Mura com iconografias históricas – sintetiza a relação dialética entre passado e presente, tema central na etnografia crítica de Ribeiro (1996). A arte Mura, seja em territórios demarcados ou em espaços urbanos, opera como dispositivo de resistência e reexistência, desafiando narrativas hegemônicas de apagamento. A ausência de demarcações em Rondônia não inviabiliza a identidade Mura, mas exige abordagens interdisciplinares que integrem cartografia crítica, memória oral e produção artística como fontes legítimas de conhecimento (MBEMBE, 2016).



Figura 2 e 3 – Primeira imagem: Túnel Mura com cocar originário Mura, recuperado por artesãos Mura de Autazes a partir de imagem iconográfica do século XVIII produzida por Alexandre Rodrigues Ferreira (in: *Mura – Povos Indígenas no Brasil*). Segunda imagem: pintura de grafismo do artista Túnel Mura no braço de Márcia Mura, realizada durante encontro de resistência Mura, em Autazes, 2024. Fonte: Acervo do Coletivo Mura.

1. Primeira imagem da esquerda para a direita Maira Belo Mura com outras indígenas mulheres Mura na terceira Marcha das Mulheres indígenas em Brasília. As outras duas imagens que seguem ao lado são vestimentas culturais feitas pela estilista Maira Belo Mura, vestida por Márcia Mura.



Figura 3 e 4 – Indígenas Mulheres Mura em luta com vestimentas tradicionais de seus respectivos territórios e vestimentas da estilista Maira Belo Mura. Fonte: Arquivos do coletivo Mura e da Articulação da indígenas Mura em diferentes contextos.





Figura 5 – Arte mural *O Astronauta*, de Tanã Mura, e a pintura *O Brasil é Terra Indígena*, da artista Auá Mendes Mura, expostas na Galeria Olido. Fonte: Arquivos do Coletivo Mura.

2. Artes Mura na galeria Olido em São Paulo: "Astronauta Mura" de Tanã Mura e "O Brasil é Terra Indígena" da artista Auá Mendes Mura (uma releitura do Mura tomando rapé, registrado por Alexandre Rodrigues Ferreira).



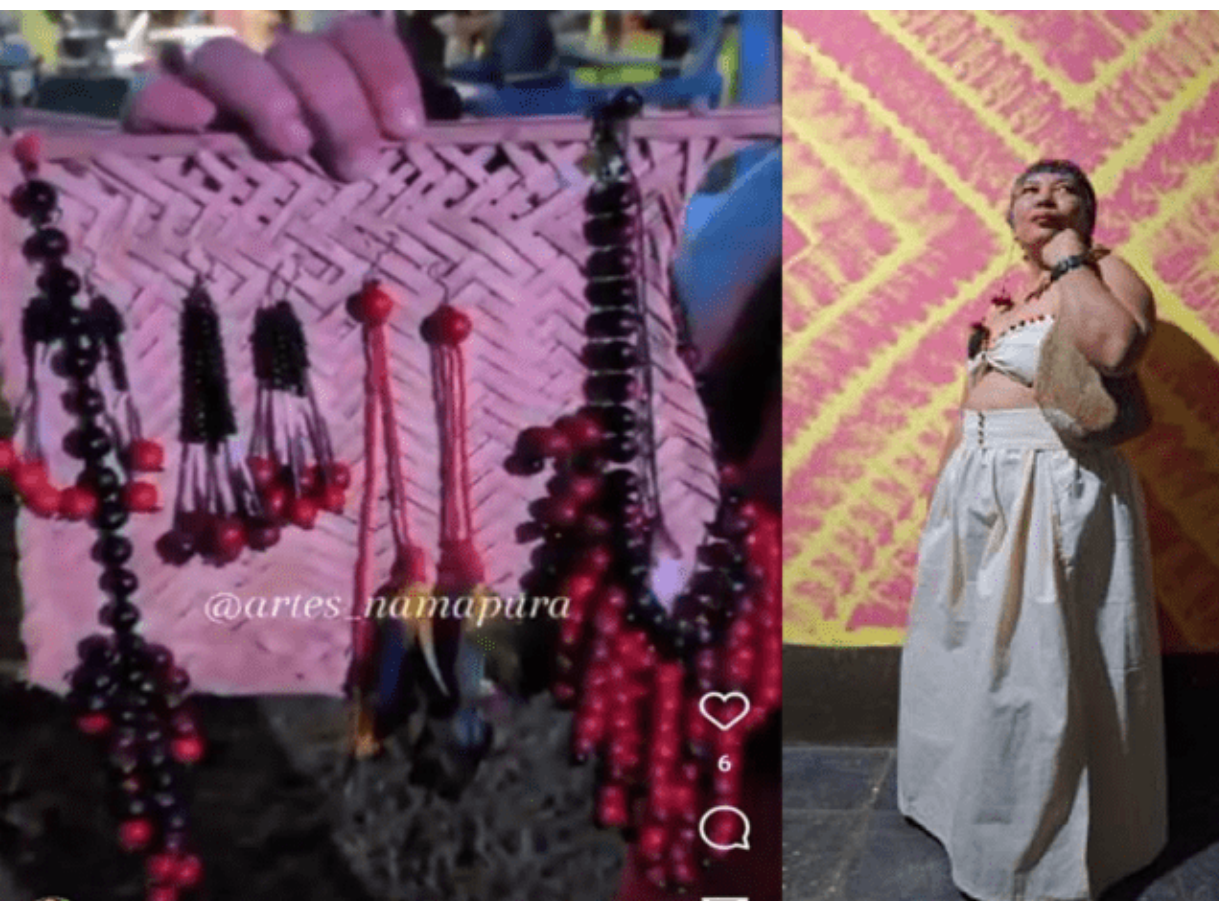
Figura 5, 6, 7 e 8 –
Primeira imagem: exposição de brincos de sementes de Tapuya Mura/Resex Rio Ouro Preto (RO). Segunda imagem: Tapuya tecendo um filtro de sonho. Terceira e Quarta imagem: Tapuya fazendo grafismo e usando seus adereços de semente de mulungum. Fonte: Arquivos do coletivo Mura

3. Exposição de vasilhas de barro feitas pelas Mura de Autazes (AM) e adereços de semente feitos por Tapuya Mura da Resex Rio Ouro Preto, da mesma artista filtro de sonhos, jogo de brinco, pulseira e gargantilha feitas com sementes de mulungum e fibras de bananeira tecida e por último roupa com algodão cru e sementes de mulungum, vestida por Márcia Mura e Serginho Mura (com saia tradicional do território Mura Itaparanã do Sul do Amazonas, onde Tapuya aprendeu a tecer roupas culturais de fios de palmeira de buriti, junto com a estilista tradicional Maravilha Mura) fazendo a produção de ensaio fotográfico na beira do lago Maravilha de frente para Porto Velho na margem esquerda do rio Madeira. Ecobags e colar feito de sementes de seringa da artista Jovana Mura. Brincos feitos de sementes feitos por Kayha Namãpura (AM).



Figura 9 e 10 -
Artes com dese-
nhos, grafismos
e sementes de
Jovana Mura -
Porto Velho (RO).
Fonte: Arquivos do
coletivo Mura.





Fonte 11 e 12 –
 Primeira imagem:
 brincos e colares
 de sementes
 feitos por Kayha
 Namápura (AM).
 Segunda imagem:
 vestimenta feita
 por Tapuya, sendo
 usada por Márcia
 Mura – top com
 sementes de mu-
 lungum, saia que
 traz a memória do
 corte e costura
 que cresceu ven-
 do a mãe fazer.
 Fonte: Arquivos do
 coletivo Mura.

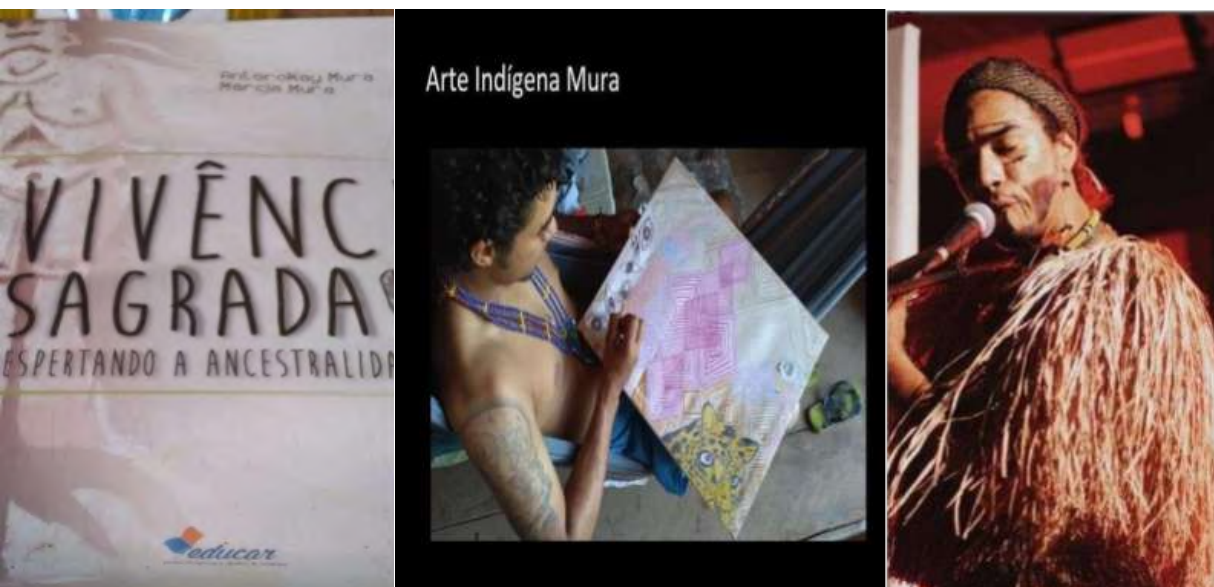


Figura 13, 14 e 15 – Primeira imagem: revista "Vivência Sagrada". Segunda imagem: pintura em tela. Terceira imagem: rodução de sons indígenas com flauta doce, em apresentação feita na abertura da semana de artes da Universidade Federal de Rondônia em 2025. Fonte: Arquivos do coletivo Mura. Terceira imagem pelo jornalista Luciana Oliveira.

4. Artista Antorokay Mura: Desenho em tela "olhares da onça" e som de conexão com os antepassados por meio de flauta tradicional. Protagonista e escritor da revista: Vivência Sagrada "Vivência sagrada: despertando a ancestralidade Mura" em co autoria com Márcia Mura, onde é apresentado os caminhos das malocas Mura da família Nunes Maciel vindo do Uruá Peara (AM), passando pelo Baixo Madeira (RO), Porto Velho até a Resex Rio Ouro Preto (RO), por onde o coletivo Mura vem recuperando memórias indígenas Mura e de outros parentes e o Antprokay constroi a narrativa da sua afirmação indígena de um jovem Mura². Nessa revista é demarcado a existência Mura em Rondônia, mas fazendo um caminho que inicia no Uruapeara (AM) navegando até Rondônia. Esse caminho era feito pelos mais velhos e mais velhas e continua sendo feito pelos que vivem em Rondônia e os que vivem no Amazonas.

2. Sobre a revista pode ser vista a matéria e também podem baixá-la gratuitamente em **MURA: Escritores indígenas lançam revista cultural "Vivência sagrada"**. *Rondônia ao Vivo*, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.rondoniaovivo.com>. Acesso em: 25 dez. 2025.



Figura 16 – Arte fotografia feita por Antorokay. Fonte: Arquivos do coletivo Mura.



Figura 17 – Tanã Mura com vestimenta cultural carregando seu filho Kaluanã na apresentação cultural de abertura da semana cultural da Universidade Federal de Rondônia em 2025. Fonte: Imagem feita pela Jornalista Luciana Oliveira.

5. Artista Tanã Mura: Desenho do encantado "Uruá Peara" com o cocar originário Mura e o casco com grafismos (representado a partir da narrativa oral dos mais velhos). O desenho do Uruá - Caramujo - Peara - Aquele que vai na frente, que sabe o caminho. Sua arte com desenhos e ilustrações com motivos de grafismos vem colaborando com a transposição da memória oral para a memória visual, como no caso do do desenho "Uruá Peara" que representou visualmente pela primeira vez o encantado.



Figura 18 – Desenho (Encantado Uruapeara) de Tanã Mura. Fonte: Arquivos do coletivo Mura.



Figura 19 – Arte de divulgação do trabalho artístico do Tanã para divulgação no Instagram. Fonte: Arte de divulgação feita por Jovana Mura.

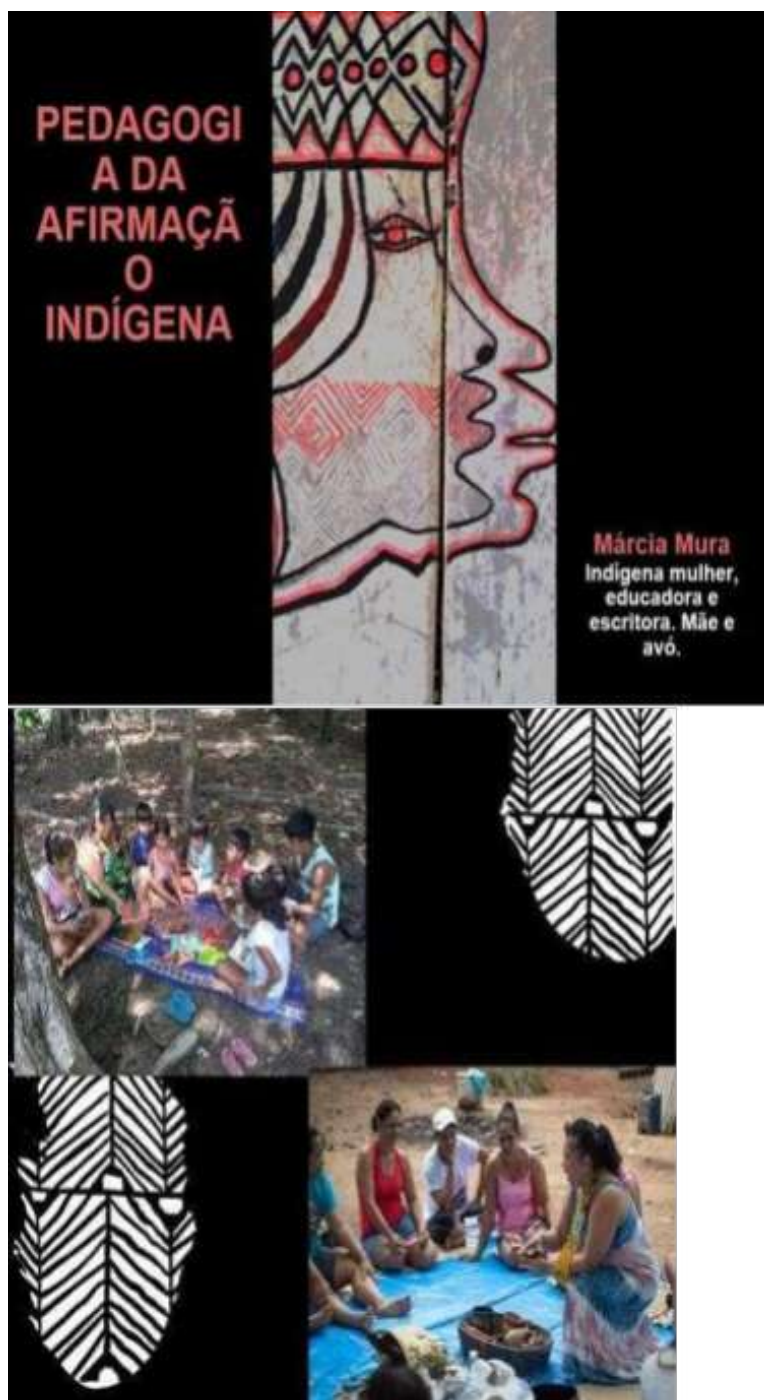


Figura 20, 21 e 22 – Primeira imagem: pintura em madeira de Antorokay. Segunda e Terceira imagem: roda de literatura indígena debaixo da castanheira, às margens do lago Uruá Peara (AM) e roda de memória das mulheres de barro na comunidade de Nazaré no Baixo Madeira (AM). Arte de divulgação do trabalho artístico do Tanã para divulgação no Instagram. Fonte: Acervo do Coletivo Mura. Terceira foto por Tulasi Resende.

6. Vivências da pedagogia da Afirmação Indígena, que consiste em trazer presente os conhecimentos tradicionais, o canto, a dança, literatura oral e escrita, a arquitetura, artes dos saberes e sabores, feitas debaixo das árvores com as crianças e diferentes faixas etárias, seguindo os caminhos das águas e diferentes territórios indígenas, comunidades tradicionais e instituições culturais das capitais do Brasil.



Figura 23 e 24 - Vivências de pedagogia da afirmação indígena. Primeira imagem: vivência com literatura, oralidade e desenhos das configurações de mundo indígena no espaço cultural Maloca Mura no Distrito de Nazaré (RO). Segunda e Terceira imagem: vivência cultural com grafismo e danças indígenas na Escola Francisco Desmorest Passos /Distrito de Nazaré (RO). Fonte: Acervo coletivo Mura.





Figura 25 – Vivência de desenhos de grafismos indígenas com as crianças Mura às margens do Lago Maravilha (RO). Coordenada por Jovana Mura. Fonte: Acervo Coletivo Mura.



Figura 26 e 27 – Primeira e Segunda imagem: Lançamento da revista- Vivência Sagrada – Despertando a ancestralidade Mura’ de Antorokay Mura com co-autoria de Márcia Mura , ‘O curumim do Rio Machado’ de Márcia Mura com co-autoria de Luiz Carlos, lançamento do livro “ Tecendo Memória Mura e de outros parentes” de Márcia Mura , ‘Os Peixes sentem’ de Agabawe. Fonte: Página do Instagram da loja e livraria Letras Amazônicas.

7. Livros, escritoras e escritores indígenas: Publicações de autores Mura: “Vivência Sagrada – Despertando a ancestralidade Mura” de Antorokay Mura com co-autoria de Márcia Mura , “O curumim do Rio Machado” de Márcia Mura com co-autoria de Luiz Carlos, lançamento do livro “ Tecendo Memória Mura e de outros parentes” de Márcia Mura , “Os Peixes sentem” de Agabawe, entrega da revista ancestralidade navegando pelo Rio Madeira e entrega do livro “ Tecendo Memória Mura e outros parentes para colaboradores envolvidos na pesquisa. Livro: “Cidades são rios que correm ao contrário” de Elizeu Braga (Mura), Antorokay no lançamento da revista “ Vivência Sagrada”.



Figura 28 e 29 –
Primeira imagem:
Lançamento do
livro " Tecendo Me-
mórias Mura e de
Outros Parentes"
na Festa Literária
e Musical em São
Paulo. Segunda
Imagem Agabawé
apresentando seu
livro " Os Peixes
Sentem" no festejo
Mura, em Naza-
ré (RO). Fonte:
Primeira imagem
por Suzana Ribeiro
e Segunda Imagem
pelo jornalista
Fábio Bispo.

O Curumim do Rio Machado" (2021), traz as narrativas maravilhosas de Curumim do Rio Machado. Ele é da comunidade Demarcação (RO), a comunidade, os curumins, e cunhantãs, os seres das águas e das florestas estavam correndo risco de desaparecer por causa de uma tentativa de construção de uma hidrelétrica. Na época do encontro de Márcia Mura e o Curumim do Rio Machado, muitas desgraças estavam acontecendo só pela ameaça da construção dessa hidrelétrica. Foi quando houve o encontro da Mura e o curumim do rio Machado e ele contou a história da tartaruga encantada, do filhote da onça e tantas outras. Assim, nasceu o livrinho para fazer circular as narrativas do curumim e chamar a atenção pelo risco que o seu território estava correndo. Graças a luta dos povos indígenas e populações tradicionais foi embargada, mas o rastro de destruição ficou.

"Os Peixes sentem - Manifesto dos Peixes Pela Vida " (2021) vai na mesma perspectiva do " Curumim do Rio Machado" onde o escritor Agabawé traz por meio dos peixes a denúncia das violações dos direitos humanos, dos rios e dos seres que o

habitam, colocando como personagem os peixes e a dona Garça que debatem os problemas e se organizam politicamente em defesa de seus direitos.

"Tecendo Memória Mura e de outros parentes" (2022) é resultante da tese de doutorado de Márcia Mura, onde se efetivou uma história oral Indígena. No livro há a narrativas textuais construídas a partir do restabelecimento das relações de parentescos transpostas para a escrita que recuperam memórias e pertencimentos Mura e de outros parentes.

"Cidades são rios que correm ao contrário" (2024) traz presente a poesia local, o nheengatu e o rio Madeira, rio de memória Mura e de outros parentes. O autor, Elizeu Braga é das margens do Rio Madeira e considerado pelo coletivo Mura como parente, as partilhas de conhecimento do coletivo que o autor fez parte o influenciou nessa obra.

Resistência Mura



Figura 30 e 31 – Primeira sequência de imagem: 1. Presenteando com a revista “Vivência Sagrada” um curumim no barco descendo o Rio Madeira. 2. Entregando o livro: “Tecendo Memórias Mura e de outros Parentes” Para a Lurdinha, colaboradora da pesquisa de doutorado que resultou no livro: “Tecendo Memória Mura e de Outros Parentes” para João Lobato, colaborador da pesquisa de doutorado. Segunda sequência de imagem: 1. Livro “Cidades são rios que correm ao contrário” de Elizeu Braga. 2. Antorokay com vestimenta tradicional, lançando a revista “Vivência Sagrada – Despertando a ancestralidade Mura”. Fonte: Fotos Iremar, imagem cedida por Elizeu Braga; página do instagram da loja e livraria Letras Amazônicas

8. Escritoras Mura que fazem parte da coletânea "Mulheres da Ancestralidade" coordenada pela escritora Eva Potiguara. Em 2023 essa coletânea ganhou o prêmio Jabuti como projeto de leitura. O mulherio das letras fez o encarte da divulgação do prêmio, apresentando cada autora, dentre elas, autoras Mura:



Figura 32 – Escritora Elis Mura. Fonte: Arte de divulgação do prêmio Jabuti 2023.



Figura 33 – Escritora Delmara Mura. Fonte: Arte de divulgação do prêmio Jabuti 2023.



Figura 34 – Escritora Kayha Namãpura. Fonte: Arte de divulgação do prêmio Jabuti 2023.



Figura 35 – Escritora Márcia Mura. Fonte: Arte de divulgação do prêmio Jabuti 2023.



Figura 23 – Encarte do espetáculo Pindorama. Dança do Seringador com artistas Antorokay, Tapuya, Kymurá, Tanamak (Márcia Mura), Buhuaren, Agabawe. Apresentação balé clássico com toré, dança Afro com Letícia e Ludmila Mura, demais danças da cultura popular e danças contemporâneas com Maira Mura, Serginho Mura e demais artistas, apresentação musical com José, Agabawe e Antorokay. Fonte: Acervo coleiro Noa.

9. O espetáculo Pindorama foi dirigido por Maíra Mura com consultoria de Márcia Mura, produzido por Tapuya e Antorikay Mura, entre outros, produtores e compostos por artistas Mura, bem como, outros artistas não indígenas. No espetáculo Pindorama: Território Ancestral, as bailarinas

Leticia Mura e Ludimila Mura fizeram um diálogo do balé clássico com o toré (dança indígena) na coreografia de músicas da cantora indígena Kaê Guajarara, os demais artistas Mura apresentaram dança e cantos Mura. Foi o primeiro espetáculo que os artistas Mura participaram desde a construção e apresentação em 2020, onde a Kymurá estreou nas apresentações culturais Mura. Por meio da dança trouxe força de pertencimento identitário e cultural com os cantos e danças tradicionais Mura, danças afros e da cultura popular e colocou em diálogo dança clássica com dança tradicional.

Por meio da arte Mura recuperamos, nossos encantados, nossos cantos, danças, bebidas tradicionais, danças, modos de viver, nossa cultura. Fundamentadas no livro "Tecendo Memórias Mura e de Outros Parentes" (2022). E para além dele nas vivências nos territórios Mura, seguindo os caminhos das águas.

REFERÊNCIAS

AMOROSO, Marta Rosa. **Guerra Mura no século XVIII: versos e versões – representações dos Mura no imaginário Colonial**. Dissertação, São Paulo, FFLCH/USP, 1991.

BRAGA. Elizeu. **"Cidades são rios que correm ao contrário"** Porto Velho, Produção Independente, (2024)

FERREIRA, Iremar Antônio. **Os Peixes Sentem - Manifesto dos Peixes Pela Vida**. Publicação Independente, Porto Velho, 2021

GARNELO, Luiza. **Ética na pesquisa com povos indígenas**. Manaus: EDUA, 2014.

MURA, Márcia. **Tecendo Memórias Mura e de Outros Parentes**. Rio de Janeiro: Pachamama, 2022.

LUIZ, Carlos. **Curumim do Rio Machado**. Porto Velho, produção independente, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

MURA. Antorokay. MURA. Márcia. **Vivência Sagrada - Despertando a Ancestralidade Mura**. Porto Velho, DUCAR, 2022.

[Mura - Povos Indígenas no Brasil](#)

RIBEIRO, Benedito. **Arte indígena, linguagem e territorialidade**. São Paulo: Edusp, 1996.

SANTOS, F. **Ferrovia e colonização na Amazônia: O projeto Madeira-Mamoré**. São Paulo: Edusp, 2010.

Submetido em: 30/03/2025

Aceito em: 01/12/2025